

Alegra-me a perspectiva de revê-lo, ainda que seja difícil para nós dois. Gostaria de sugerir o seguinte: como ainda está muito quente para viajar para o sul, sugiro que nos encontremos em 15 de outubro. Mandarei reservar — se você estiver de acordo, é claro — dois belos quartos com terraço no Hotel Printemps em Corfu, um hotel ao estilo antigo, de primeira classe, com um jardim muito bem cuidado no qual nós, se estiver muito quente lá dentro, poderemos nos refrescar. Reservarei os quartos por uma semana, mas estou certo de que, havendo necessidade, poderei prolongar a reserva, já que, atualmente, apenas uns poucos ingleses da velha guarda dedicam-se a contemplar os lagartos e centopéias a escavar seus caminhos sob os troncos podres das árvores no jardim. Viajarei, como disse, sozinho, mas levarei comigo uma foto de Stanley, para que você possa ter uma idéia aproximada dele. (A foto de nós dois é grande demais; do contrário, eu a anexaria a esta carta.) Alegra-me o nosso futuro encontro, ainda que ele venha a ser duro, muito duro para mim, e não apenas porque não desejo imaginar nossa separação definitiva. A última palavra, a derradeira cena, o olhar definitivo. Talvez você ainda se lembre de como, por fim, eu me levantei, montei no burro e desapareci. Olhei para trás, para acenar para você?

Assim como, quando contempladas de cima, as cidades soterradas exibem na superfície da terra as plantas de suas edificações, como tivemos oportunidade de ver juntos na floresta, assim também permanecerá visível em mim, até a minha morte, uma certa imagem que tive de você. Isso significa que você terá de sobreviver a mim; não me ocorre nenhuma outra possibilidade.

O resto, conversaremos pessoalmente, depois. Nas próximas doze semanas, até o nosso reencontro depois de quase cinqüenta anos, tenho muito o que fazer, o que se afigura tanto mais difícil considerando-se que, nos últimos tempos, tornei-me realmente um vagabundo. Não que eu tenha me tornado um desleixado; pelo contrário: apenas reduzi todas as minhas atividades ao mínimo possível. Não escrevo mais, para citar um exemplo. Recentemente, escreveram num jornal daqui que o escritor tornou-se uma figura desinteressante. Fez-se apenas um veículo a emprestar sua pena às palavras pairando casualmente no ar, a fim de que elas encontrem seu caminho até o papel. No momento em que elas encontram-se ali, preto no branco, ele pode já abdicar, pois as frases não mais lhe pertencem. Se tiver vontade, ergue de novo o lápis ao vento e espera para ver se ainda encontra algumas palavras para um poema; se não, então simplesmente não escreve. As pessoas enlouqueceram. Por toda